

**A OBRA LITERÁRIA OS SERTÕES
E SUA INTERFACE COM O GÊNERO
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

Camilla Gomez Carballo Trajano (UFRRJ)
camillacarballoufrj@hotmail.com

O gênero textual divulgação científica é ainda pouco estudado no ambiente acadêmico; trata-se da difusão do conhecimento científico, da transposição de barreiras outrora criadas entre a sociedade e as universidades.

A única maneira de desfazer essas distâncias seria levar a público as pesquisas realizadas dentro dos ambientes acadêmicos.

Levando em consideração a solução acima mencionada, Manuel Calvo Hernando, no 1º Congresso Internacional de Divulgação Científica realizado na USP, em 2002, enumera alguns desafios comuns nas relações dos jornalistas (pessoas responsáveis pela circulação das informações cotidianas) e dos pesquisadores, como:

- a divulgação dos trabalhos científicos;
- o fato de ambos servirem a duas grandes forças que são: a comunicação e o conhecimento;
- o fato de ambos servirem à comunidade;
- e o compartilhamento de serviços: ciência para comunicadores (jornalistas) e comunicação para pesquisadores.

Hernando cita ainda que o objetivo final de ambos também é semelhante; tanto o pesquisador como o jornalista têm como finalidade a observação e posterior descrição do que aconteceu. Cabe observar, nesse momento de minha fala, que foi justamente isso que Euclides da Cunha fez quando foi enviado para a Guerra de Canudos como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, observou e descreveu a fim de redigir artigos que viriam a público através do jornal. Foram as anotações feitas naquele período que deram origem a *Os Sertões*. Mas desse autor, falaremos mais adiante.

É natural que haja também discrepâncias entre um e outro (jornalista e pesquisador), mas aqui cabe apenas observar o fato de que o jornalista preza que a notícia chegue ao público o quanto antes, enquanto o pesquisador pondera essa chegada, visto que as experiências e estudos

são sempre objetos de novas avaliações antes de terem um veredicto final.

Manuel Hernando afirma ser o divulgador científico o responsável pela abertura dos caminhos e lembra que há quase meio século o venezuelano Aristides Bastidas escreveu que a divulgação científica serve para abrímos os olhos, para vermos os fatos de outros ângulos.

Lembrando Euclides novamente; foi essa a sua intenção: fazer com que os leitores daquela obra olhassem para os sertanejos de modo diferente. Os nordestinos eram tidos pelos republicanos como uma sub-raça brasileira, principalmente os seguidores de Antônio Conselheiro, que negavam os ideais republicanos.

Antes de entrar nas questões que se relacionam mais diretamente com a obra de Euclides, parece-me pertinente iniciar com uma citação de Ronald Clark (citar origem) atrelada a algumas informações dadas por Wolf Lepenies em sua obra sobre a “dissociação” da literatura e da sociologia:

Gostaria que fosse obrigatório um curso de literatura e composição inglesas para os estudantes do primeiro ano de ciências, e creio que de todas as licenciaturas. Parece-me lamentável ver que tantos pesquisadores fazem com que seus escritos pareçam inúteis para o mundo em geral, ou incompreensíveis para aqueles que trabalham na mesma área, por conta da sua ignorância e desprezo pelos elementos da composição inglesa. (CLARK, 1976)

No final do século XVIII, como observa Lepenies, não é possível uma separação nítida entre o modo de produção da obra literária e o da obra científica. Nessa época,

(...) Era considerado natural que um homem da ciência natural se concebesse como escritor: como alguém para quem não importa somente *o que diz*, mas também *como diz*, como alguém que não somente quer instruir seu público, mas, divertir instruindo. (LEPENIES, 1996, p. 13)

Ora, se, como Clark colocou, a composição de uma obra é de suma importância para o entendimento e aproveitamento do conteúdo, de antemão podemos concluir que Euclides está dentro do conjunto “bom pesquisador”, digamos assim, visto que sua escrita é incontestavelmente boa e que seu vocabulário é rico.

Continuo a apresentação com uma das primeiras anotações de Euclides a respeito de sua obra:

Não tive o intuito de defender os sertanejos, porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque. Ataque franco e, devo dizê-lo, in-

voluntário. Nesse investir, aparentemente desafiador, como os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticquezas, obedeci ao rigor incoercível da verdade. Ninguém o negará. E se não temesse envaiadar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever a história do Peloponeso – porque eu também, embora sem a mesma visão aquilina, escrevi "sem dar crédito às primeiras testemunhas que encontrei, nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras". (CUNHA, 2005, p. 27)

Como o próprio autor nos assegura, *Os Sertões* é uma obra baseada em fatos. Euclides preocupou-se em relatar somente a verdade, e o fez por uma razão: denunciar o crime cometido na região de Belo Monte.

Essa intenção fica muito evidente na nota preliminar:

Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a atualidade, remorada a sua publicação (...)

Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexos fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra.

O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas. (...)

A civilização avançará nos sertões impelida por essa implacável "força motriz da História" que Gumplowicz (...) lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes.

A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. Nem enfraquece o asserto o termo-la realizado nós filhos do mesmo solo, porque, etnologicamente indefinidos, sem tradições nacionais uniformes, vivendo parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa (...) tivemos na ação um papel singular de mercenários inconscientes. (...)

Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.

E foi, na significação integral da palavra, um crime.

Denunciemo-lo. (CUNHA, 2005, p. 27)

Como se pode notar, Euclides da Cunha teve, durante o processo de composição, preocupação em relatar apenas aquilo que tinha vivenciado.

Engenheiro, não era de se estranhar que tivesse vasto conhecimento geográfico, tampouco que quisesse utilizá-lo na composição de sua obra a fim de dar maior credibilidade às suas palavras. Visto que uma obra de divulgação científica não pode levar em consideração apenas a forma com que o conteúdo é passado, mas também.

O escritor, em diversos momentos, faz uso de uma linguagem extremamente científica, que força o leitor coetâneo a buscar o significado de muitas palavras no dicionário. No entanto, foi mantido o cuidado de reproduzir as falas dos sertanejos tais como eram proferidas.

Não foi à toa que, em 1903, um ano após a publicação de *Os Sertões*, que Euclides da Cunha ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e na Academia Brasileira de Letras.

O autor preocupou-se ainda com a futura serventia de sua obra. Imaginou que esta pudesse ser utilizada como objeto de estudo de futuros historiadores.

Ora, se historiadores baseiam-se em documentos, pode-se afirmar que Euclides, ao produzir sua obra-prima, tinha um objetivo muito além de literário. Como o próprio autor cita, ao início e ao fim da nota preliminar, o livro surge com o intuito de realizar uma denúncia social.

Adilson Citelli diz que devemos considerar Euclides como um homem

dotado de um comportamento ético obsessivo, desejando ardentemente ser um "homem de linha reta" (...) [de] espírito inquieto, indagador e desejoso de se ajustar permanentemente às novas realidades da ciência e das teorias sociais. (CITELLI, 2002, p. 18)

Como negar que Euclides foi um homem de ciências? Como negar a interface de *Os Sertões* com o gênero *Divulgação Científica*?

É necessário ler *Os Sertões* levando-se em conta o complexo quadro histórico do final do século passado. E, sobretudo, como resultado da atividade jornalística exercida por seu autor no jornal *O Estado de São Paulo*, na Bahia, para onde fora enviado como correspondente por volta de junho de 1897. Inicialmente em Salvador e, depois, entre agosto e setembro, já em Canudos, Euclides passou a escrever diariamente sobre os fatos com os quais convivia. (...)

Ao se dirigir para Belo Monte, o nosso autor estava, ainda, impregnado daquele primeiro espírito republicano que considerava Antonio Conselheiro um agente da Monarquia. (...)

Os primeiros textos que envia da frente de batalha não se diferenciam muito do tom geral que marcava a maioria dos órgãos de imprensa, dominados

pelo preconceito e pela má vontade contra os chamados pejorativamente de “jagunços”. (...)

No entanto, o contato com o sertanejo, o testemunho da crueldade e da violência praticadas contra Belo Monte, a verificação da falta de sentido em se fuzilar e degolar os prisioneiros, o espanto com a carnificina, o genocídio, a insensibilidade do governo para reconhecer as particularidades de um mundo marcado pela fome e pela miséria operaram mudanças no espírito de Euclides e que terão reflexos no processo de feitura de *Os Sertões*. (CITELLI, 2002, p. 33)

É a partir de sua experiência que Euclides resolve sair da postura de jornalista e passa a adotar a postura de divulgador científico, pois escreve *Os Sertões* com o intuito de levar a público as atrocidades cometidas pelo governo contra o povo de Belo Monte e o faz não por fazê-lo pura e simplesmente, mas objetiva apresentar aos brasileiros um povo marginalizado; o detalhado estudo do sertão e do sertanejo forçou o país a encarar a própria diversidade.

Ademais, a força crítica e denunciadora presente no texto, a minuciosa descrição do massacre, instaurou a perplexidade e fez que os juízos sobre Canudos e os sertanejos fossem revistos. (CITELLI, 2002, p. 37)

Encerro a minha fala com uma sábia crítica de Antonio Candido acerca da obra-prima de Euclides da Cunha:

Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, *Os Sertões* assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior) [...]. O poderoso imã da literatura interferia com a tendência sociológica, dando origem àquele gênero misto de ensaio, construído na confluência da história com a economia, a filosofia ou a arte, que é uma forma bem brasileira de investigação e descoberta do Brasil [...] Não será exagerado afirmar que esta linha de ensaio – em que se combinam com felicidade maior ou menor a imaginação e a observação, a ciência e a arte – constitui o traço mais característico e original do nosso pensamento. Notemos que, esboçada no século XIX, ela se desenvolve principalmente no atual, onde funciona como elemento de ligação entre a pesquisa puramente científica e a criação literária, dando, graças ao seu caráter sincrético, uma certa unidade ao panorama da nossa cultura.” (CANDIDO, 1973, p. 130)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1973.
- CITELLI, Adilson. *Roteiro de leitura: os sertões de Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 2002.

CLARK, Ronald W. Semblanza de Sir Julián Huxley. *Revista de Occidente*, N° 3, Madrid, jan. 1976.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

_____. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

HERNANDO, Manuel Calvo. La divulgación científica y los desafíos del nuevo siglo. In: *Primeiro Congresso Internacional de Divulgação Científica*, 2002.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: Edusp, 1996.